

## **Relato de uma pequena grande cientista:**

Desde pequena, sempre tive um fascínio pelas ciências. Lembro-me com clareza de um livro didático que li aos 6 ou 7 anos, chamado *Eu Gosto de Estudos Sociais*, de Célia Passos e Zeneide Silva. A capa, o título, e especialmente o conteúdo, capturaram minha imaginação. O que mais me atraía eram os experimentos apresentados no livro. Um deles, que até hoje guardo na memória, envolvia pegar dois baldes — um no chão e outro em uma cadeira — encher o balde do chão com água e colocar um pano com uma ponta dentro da água e a outra no balde mais alto, para observar a água “subindo”. Na época, eu não entendia o fenômeno, mas ficava encantada por ver aquilo acontecer diante dos meus olhos. Desde então, minha curiosidade científica só cresceu. Muitas vezes, imaginava-me como uma “bruxa”, misturando ingredientes para criar “poções mágicas”, mas na verdade, o que eu queria era misturar elementos e ver o que aconteceria. Essa inclinação para experimentar, observar e descobrir foi algo que me acompanhou por toda a vida. Durante minha adolescência, o professor Emerson teve um papel crucial ao fortalecer ainda mais minha paixão pelas ciências. Ele não apenas explicava conceitos teóricos, mas também permitia que fizéssemos experimentos na escola, algo inédito para mim até então. Coletávamos materiais da natureza e levávamos para a sala de aula, onde ele nos incentivava a explorar e apresentar nossas descobertas. Era como se a ciência ganhasse vida diante dos meus olhos. Esse período foi marcado por experiências incríveis: entender as fórmulas químicas, descobrir o que eram compostos e perceber a beleza por trás de cada elemento. Lembro-me vividamente de suas aulas. Não preciso fazer esforço para voltar no tempo e reviver aqueles momentos de descoberta, como se pudesse ouvir suas explicações novamente. Esses anos me mostraram o quanto o ensino e o aprendizado podem ser transformadores. Ao entrar no ensino médio, no entanto, a experiência não foi tão positiva quanto eu esperava. Apesar do meu desejo crescente de aprender mais sobre ciências, enfrentei situações que, infelizmente, não me trazem boas lembranças. Esses momentos me ensinaram, porém, como não agir na vida e na profissão. Mesmo diante dessas adversidades, mantive meu sonho de seguir na área científica, e foi nesse período que decidi que queria ser veterinária. Quando chegou a hora de ingressar na faculdade, minha cidade ainda não oferecia o curso de

Medicina Veterinária, mas havia o curso de Ciências Biológicas. Foi assim que fiz o vestibular e passei para a graduação em Biologia, com o objetivo de, eventualmente, migrar para a Veterinária. No entanto, à medida que me envolvia nas aulas de Biologia, fui me apaixonando cada vez mais por disciplinas como Citologia, Química, Física, Microbiologia e Zoologia. Meu caminho começava a tomar uma nova direção. Durante a graduação, tive a oportunidade de ser estagiária em diversos laboratórios da Universidade do Contestado (UNC), incluindo o laboratório de leite. Ali, trabalhei com mulheres que se tornaram grandes referências para mim, como Sara, Rosângela, Izabel, Franciele, Luciane, Taiza e Naiana. Essas mulheres me ensinaram muito, tanto na área técnica quanto na pessoal, ajudando a moldar a profissional e a pessoa que sou hoje. Na metade do curso, engravidei do meu primeiro filho. Antes disso, eu havia pensado em trancar a faculdade para tentar ingressar em Medicina Veterinária, mas a vida seguiu outro rumo. Após um ano de pausa, retornei à universidade e tive a oportunidade de concorrer a uma bolsa de estudos do artigo 170, uma iniciativa do governo de Santa Catarina. Para isso, era necessário desenvolver um projeto de pesquisa com a orientação de um professor. Fui contemplada, e minha orientadora foi a Dra. Aline Viancelli, uma pessoa que mudaria completamente o curso da minha vida acadêmica. A Dra. Aline não foi apenas uma orientadora; ela foi a chave que abriu a porta para o mundo da pesquisa científica. Até então, eu não tinha ideia do quanto me interessava por esse campo. Ela me mostrou que eu poderia ser uma pesquisadora, alguém que não apenas absorve conhecimento, mas também o cria e compartilha. Durante o desenvolvimento do projeto da bolsa, mergulhei em um universo novo e emocionante, e cada conversa com a Dra. Aline reforçava minha vontade de seguir na ciência. Eu a admirava profundamente — sua inteligência, curiosidade e dedicação me inspiraram a ser a melhor versão de mim mesma. Enquanto ainda estudava e participava da pesquisa, consegui um estágio em uma empresa alimentícia, onde trabalhei nas áreas de microbiologia de alimentos, físico-química e sensorial de produtos cárneos e rações. Esse período foi de intenso aprendizado, tanto na prática laboratorial quanto na área acadêmica. Após a conclusão da graduação, fui contratada pela empresa onde havia estagiado e permaneci lá por mais sete anos, nove no total. Comecei como estagiária, fui promovida a técnica de laboratório, e, mais tarde, assumi o cargo de analista de laboratório. Ali, trabalhei

com a gestão de sistemas laboratoriais e tive a oportunidade de me especializar em microbiologia clínica, ambiental e de alimentos. Durante esse tempo, muitas mulheres da equipe também me inspiraram, como Quésia, Rosleine, Valquíria, Cristiane, Mirian, Ivonete, e outras tantas que me ajudaram a crescer pessoal e profissionalmente. No entanto, apesar do sucesso na área, sentia que algo ainda faltava. Com o início da pandemia do Covid-19, uma colega, Poliana, me sugeriu que considerasse a carreira docente, aproveitando minha licenciatura. Fiquei intrigada com a ideia e decidi explorar esse caminho. Com sua ajuda, comecei a buscar oportunidades e me inscrevi para uma vaga temporária na Escola de Educação Básica Mansuetto Boff, para aulas de Biologia e Química. A vaga surgiu porque a professora Magda, que lecionava na escola, foi deslocada para atuar na Escola Polo de Concórdia, criada devido à pandemia que afetava a cidade e o país. Embora eu estivesse pronta para assumir a vaga, acabei não lecionando na EEB Mansuetto Boff. No entanto, logo após essa experiência, fui chamada para dar aulas de Biologia e Ciências na Escola de Educação Básica Walter Fontana. Foi um momento decisivo: ao entrar na sala de aula, percebi que havia encontrado meu verdadeiro lugar. Após ser chamada para dar aulas na Escola de Educação Básica Walter Fontana, senti um misto de empolgação e nervosismo, como uma criança que vai à escola pela primeira vez. Era um ambiente completamente diferente daquele ao qual eu estava acostumada no laboratório, mas, à medida que os dias passavam, fui me encontrando no papel de educadora. Descobri que tinha uma habilidade natural para ensinar, e cada aula me proporcionava a alegria de compartilhar conhecimento com dedicação e cuidado. Eu me lembrei das experiências de infância, quando adorava "ensinar" outras pessoas, e percebi que a escola era um espaço onde podia reviver essa paixão. A cada nova explicação, a cada interação com os alunos, eu sentia a satisfação de contribuir para a formação deles. Meu propósito ficava cada vez mais claro. Claro que, como qualquer profissão, a docência também tem seus desafios. Trabalho com pessoas, e cada uma delas traz suas próprias vivências, emoções e dificuldades para dentro da sala de aula. Às vezes, as circunstâncias externas afetam o desempenho e a motivação dos alunos, e é nesses momentos que a empatia e o apoio se tornam essenciais. Mesmo nos dias mais difíceis, continuo a refletir sobre o porquê de estar ali, e encontro no ensino a realização que sempre busquei. Ao longo

desses três anos como professora temporária na Walter Fontana, apesar da incerteza quanto à renovação do contrato, tive a sorte de trabalhar com alunos incríveis. Em cada ano, desenvolvemos projetos científicos que foram além da sala de aula e culminaram em apresentações em feiras escolares e regionais. No primeiro ano, focamos em mostras de trabalhos, onde os alunos puderam compartilhar seus conhecimentos com os demais. No segundo ano, desenvolvemos um projeto sobre o uso de chás no chimarrão, que abordava desde o plantio das ervas até sua utilização na bebida tradicional. Esse trabalho foi um sucesso, sendo selecionado para a feira regional, e as alunas Gabriela e Lara, que o apresentaram, demonstraram um interesse crescente pelas áreas científicas. No terceiro ano, além de continuar os projetos científicos na Escola Walter Fontana, consegui ingressar no mestrado em Educação, em agosto de 2024. Embora tenha iniciado o mestrado com um projeto diferente, tive a oportunidade de realinhar meu foco para dar continuidade ao nosso projeto Mulheres que Cientificam, o que me permitiu aprofundar o trabalho iniciado na escola. Este projeto já havia se destacado em feiras científicas e continua a crescer. Em 2024 desenvolvemos e apresentamos na feira interna dois projetos liderados por alunas, ambos voltados para as ciências. O mais destacado foi o próprio Mulheres que Cientificam, cujo objetivo é incentivar alunas de escolas públicas a seguirem carreiras científicas, utilizando práticas inovadoras e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Este projeto foi classificado para a etapa regional da feira científica com nota máxima e, após sua apresentação, recebeu a nota máxima novamente, garantindo sua vaga na feira estadual. As alunas Thais e Gabriela foram fundamentais na liderança da iniciativa, e tem sido uma experiência gratificante orientá-las nesse percurso. Além da feira estadual, marcada para outubro de 2024 em Criciúma-SC, também fomos aprovados para apresentar o projeto no seminário da Universidade Federal da Fronteira Sul, em Erechim-RS, ambos eventos programados para novembro. O Mulheres que Cientificam reafirmou a importância da inclusão e do incentivo para meninas nas ciências. Ver de perto o impacto que o empoderamento e a educação têm na vida dessas jovens é transformador. Elas estão descobrindo seu próprio potencial e, ao fazer isso, inspiram outras a seguirem o mesmo caminho. Este processo reforça minha convicção de que a educação é um poderoso agente de mudança social.